

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 26 de Abril de 1986 * Ano XLIII — N.º 1099 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Eles é que sabem...

■ Cada dia é uma novidade! Cada manhã nos traz a notícia de um segredo — a presença de Alguém escondido por detrás dos mais pequeninos, dos adolescentes e dos mais crescidos da nossa Aldeia. É uma presença jovem. Serena. Alegre. Profunda. Apaixonante!

Ter olhos para ver o que acontece é súplica de todos os momentos. Ter ouvidos para ouvir o murmúrio da Voz que sai do meio das flores do jardim — cuidado pelos mais pequeninos; das ruas limpas pelas vassouras feitas por eles; das casas arejadas com janelas rasgadas para entrar a luz do sol da Primavera; das oficinas onde se preparam os homens da Nação; da escola onde se bebe o leite da cultura. Ter olhos para ver e ouvidos para ouvir — é viver.

Há dias, descia a avenida com o Júlio Mendes a fazer um recado fora de Casa. Dei com o grupo dos «Batatinhas» a arrancar as ervas da valeta. O chefe era o «Cenourinha». Todos acenaram, de braços levantados, a saudar-nos. De repente, lembrei-me das cenas da chegada do Paulo e Daniel (da casa-mãe), nos primeiros dias. Vieram de um dos bairros mais tristes da cidade de Braga. Agressivos. Inconformados. Tudo pelos ares...! Agora, quinze dias depois, integrados naquele grupo encantador, arrancando ervas a

brincar, conduzidos pelo «Cenourinha», de 11 anos.

— Eles é que sabem... Eles é que sabem... — ia comentando com o Júlio Mendes. Eu não era capaz... Eu não sou capaz... Eles é que sabem... Estão outros. Há Alguém escondido na Natureza. É uma Força criadora de mudança, capaz de fazer das pedras — filhos... Aqui, de fazer do «Lixo» — homens.

«Bendita cada manhã que nos traz a notícia da presença de Deus, jovem e gloriosa... Deus prolonga nos homens o poder de Seu braço; entrega em nossas mãos a obra começada. E assim vemos crescer, fiéis e vigilantes, o esforço de quem sonha criar um mundo novo.»

■ Doutra vez, era um casal e dois filhos. Conversávamos, calmamente, no dia dos 25 anos de matrimónio. Junto do hospital da nossa Aldeia, passava o Lando com o Nuno e o Júlio pela mão. São os mais novos cá em Casa — 4 e 3 anos. A mãe vive de boites e o pai... não se sabe dele. Nos primeiros dias, não havia coisas que parassem nos seus lugares! Gritos e mais gritos reveladores de desequilíbrios afectivos muito grandes, com um história esfarrapada. Pobres Nuno e Júlio!

Agora, já não parecem os mesmos! Tão pouco tempo e

Cont. na 3.ª pág



Um grupo dos «Batatinhas» — de Paço de Sousa. Chefe: o «Cenourinha».

AQUI, LISBOA!

«É proibido aceitar heranças por testamento. Não se deixem levar pelo falso raciocínio de que tendo mais podem fazer melhor — no caso de uma herança. Não é verdade. É a carne a falar. Rejeite-se aquele pensamento por um acto de fé na vida e nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo.» (Pai Américo)

Ao visitarem as nossas Casas, as pessoas são levadas às interrogações mais variadas: Como vivem? De que vivem? Onde vão buscar o dinheiro para alimentar e vestir tantos Rapazes? Quanto é que o Estado vos dá? Enfim, uma série de interpelações naturais ante aquilo que se lhes depara. A nossa resposta é invariável: — Vivemos do nosso trabalho, d'O GAIATO e das edições da Obra, mais dos donativos do Povo, oriundo dos mais variados quadrantes sociais, políticos e religiosos. — E do Estado quanto recebem? Nesta Casa, presentemente, respondemos: — O que o Estado nos dá, pouco mais é do que aquilo que pagamos de electricidade. Os visitantes entreolham-se e trocam palavras de espanto.

Frequentemente, somos procurados por quem nos quer contemplar nos seus testamentos. De Norte a Sul tal sucede. Explicamos a linha da Obra da Rua, lendo, muitas vezes, o texto acima, e completando-o com as palavras que lhe seguem:

«Sabemos que, pelas riquezas, viria, naturalmente, a cobiça; e, por esta, a intromissão. Acabariam na Obra os Pelicanos e entrariam os administradores dos bens, em detrimento do bem do Rapaz. É a traça». As pessoas insistem, falando em cifras volumosas, convencidas, na sua boa fé, que nos demovem. Puro engano!

«Nós não fazemos rifas. Não jogamos na lotaria. Nem promovemos nem aceitamos o produto de caldos verdes, de ceias à americana, de arraiais minhotos, de tómbolas e verbenas, de chás e reuniões distintas. Não usamos leilões. Não queremos cortejos. Nós somos do Sermão da Montanha e está tudo dito.» Esta transcrição mais não procura do que elucidar os nossos Leitores sobre a maneira de ser da Obra da Rua e do seu espírito.

Já temos sido solicitados para dar o nome a sorteios monumentais ou a tómbolas de rendimentos garantidos, mas sempre temos resistido às tentações dos milhões apontados nem que, entre mãos, tenhamos projectos em vista, com verbas elevadas a despender. De resto, ao fim e ao cabo, nunca deixamos de levar ao fim o essencial ou o necessário.

Pai Américo refere que, a propósito do Ano Santo de 1950, um cavalheiro da maior respeitabilidade e recta intenção lhe propôs a venda de medalhas pelos rapazes, com um lucro elevado, tendo apostado na própria carta a seguinte resposta: «Negócios nem com o Vaticano». No que concerne a bailes de caridade teve ocasião de os rejeitar inúmeras vezes,

Cont. na 4.ª pág.

NOTAS DA QUINZENA

● Um amigo, cheio de brilhos, atirou-me de frente com o problema:

— Caridade, não. Só justiça, só obrigação do Estado e de todos nós. A vossa Obra peca por caridade a mais.

Ora, é importante, não devemos confundir caridade-amor com as esmolinhas que damos nas esquinas onde o que pede, toca a campainha ou o harmónio. O Pai Américo nunca lhas dava. Ia, por seu pé, às casas onde não entravam a justiça e as obrigações. Assim procuramos fazer também.

Compete-nos interpelar, denunciar e pôr o remendo quando não há vestido novo.

Também a Obra da Rua foi e é para estar presente e operante onde falta a justiça. A presença e o fazer são a melhor denúncia das injustiças e a mais convincente interpelação aos homens.

Caridade-amor — o primeiro

e maior Mandamento. O segundo, igual a ele — o amor ao nosso Próximo.

O samaritano parou, foi ao encontro, tratou as feridas, levou-o para a estalagem e disse ao dono que o tratasse pois tudo pagaria. Deu e amou! «Vai. Faze tu o mesmo.»

● Mais uma achega:

Precisamente, ontem, passámos pela casa da bouça (como lhe chama a assistente social que nos indicou o caso). Casa de chão e telha vã. Morreu a mãe de família. O pai (que faz uns biscatos nas terras dos vizinhos) não tem capacidade nem posses para tratar os três filhos de 14, 11 e 7 anos. A trabalhadora social anda aflita com o caso: — Casa do Gaiato? Não temos lugar. Tribunal de menores? Não tem, muitas

Cont. na 3.ª pág

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É doente nervosa, com naturais distúrbios de comportamento. Mas não origina problemas.

Como sobrevive naquela floresta incompreensível às suas mazelas?! — infelizmente vulgares, no campo ou na cidade. Mais aqui do que ali, evidentemente. A vida é mais acelerada nas grandes urbes do que os ponteiros do relógio! No meio rural ainda se pode saborear a luz do sol, a verdura e frescura dos campos, a água que brota das nascentes, as belezas e riquezas da Natureza.

No caso vertente, com vista ao futuro, a pobre mulher discerniu bem! Acautelou-se à sombra da Segurança Social; porém, só trabalha quando pode. Quando não, protela os descontos e temos de dar a mão.

Do ponto de vista social — e cristão — mais vale acudir nestas emergências do que, amanhã, mantê-la pela generosidade dos Leitores. Aliás, a iniciativa pessoal da doente já reflecte a mentalidade dos povos do meio rural, esquecidos, durante muitas gerações, de benefícios sociais; como ainda estão noutros domínios de interesse para o País. Contas doutro rosário, mas que o vicentino conhece, porque avalia na visita domiciliária — em sentido de Igreja.

Enquanto não arribar — e não reatar os seus direitos — solveremos o contributo mensal da pobre mulher: 2.790\$00.



Casamento do Jorge da Silva e Leonídia Nunes da Silva — na igreja da Charneca do Lumiar (Lisboa)

● A pequena que frequenta o Ensino Secundário prestou provas do aproveitamento no segundo período: — *Só tive uma nega: a História.* Frenziu a carita um tudo nada. Estimulámos a mocita: — Antes a História do que em Matemática... Tens capacidade para ultrapassar a barreira.

— *Quero ir até ao fim!* A verdade é que o seu aspecto — sem nos dizer nada — revela a necessidade de alimento mais adequado. O corpo não resiste!

— *As vezes, por lá, apetece-me comer...*

— *Levarás mais pão e a tua avó comprará queijo.* A meio da tarde, na cantina, beberás um copo de leite.

Os olhos fumegaram como um archote! Foi o leite; o copinho de leite! Jamais sonhara que os Leitores pudessem conceder-lhe mais esta riqueza!

Lemos, algures, que em certos estratos da população escolar — nos mais pobres — o problema da alimentação reflecte-se, inevitavelmente, no aproveitamento escolar das crianças. É pena que — para além da Escola Primária, do Ciclo Preparatório — não possam servir, gratuitamente, às crianças pobres, ao menos, uma malga de leite!

● Finalmente, bafejados com o Fogo da Páscoa, reflectimos na disponibilidade duma jovem — recoveira dos Pobres — que, seguindo a pista do Mandamento Novo, deixara tudo, naquela tarde, para acompanhar uma doente já idosa (que vive na solidão e receberá alta) até à sua moradia do Património dos Pobres.

Frente ao quadro vivo, não revelamos mais. Cumpriu, religiosamente, o seu dever — com discreção. Valor imanente da Sociedade de S. Vicente de Paulo!

PARTILHA — A assinante 30524, de Tondela, manda *uma migalhinha para proporcionar, com a ajuda de outros, o indispensável a um dos nossos Irmãos amparados pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa.*

O sentido de Humildade — que é a Verdade — imbuído nas ofertas! Ouçam: *«Na alegria de Jesus Ressuscitado, junto uma modestíssima ajuda de 500\$00 para a Conferência — para os mais necessitados. Quem lida, de perto, com tantas e tão prementes necessidades, sabe o que deve fazer com qualquer migalhinha.»*

«Maria de Portugal», do Porto, não falha! *«Uma migalhinha para ajudar a ressuscitar um abatido.»* Hino à Ressurreição — ao Mandamento Novo!

«Duma anónima (do Porto), para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, (2.000\$00) para uma Viúva necessitada.» Presenças oportunas — na esteira dos primeiros cristãos.

Assinante 16696, de Alcaide, 5^o0\$00. Dez vezes mais da assinante 20174, de Coimbra. Sobras da assinante 12313: *«Metam no saquinho da Conferência. Os Pobres precisam tanto e a vida está tão cara e difícil!...»* A remessa habitual da assinante 23484, de Vilarres (Vila Franca das Naves), 400\$00 do assinante 2984, de Rio Tinto. Um vale de correio da assinante 27063, de Cacém. Em sobrescrito discreto, do Porto, *«uma importância (1.000\$00) para a Conferência — com o desejo*

de uma santa Páscoa». Retribuímos na mesma proporção. Pela mão do nosso Padre Luiz, o mesmo da assinante 18880, da Capital. A partilha habitual de *«uma assinante de Paço de Arcos»* — com *«todo o amor fraterno que Cristo, nossa Páscoa, nos deixou».* Assinante 20208, de Mesão Frio, *«pequena oferta para o Pobre mais necessitado».* Legendas que são Fogo do Espírito!

O costume da assinante 11162, do Porto. Tão certinha! Velha Amiga, do Lusó, um cheque *«como penitência quaresmal, mas sendo para mim um prazer tão grande duvido que possa ser aceite como tal».* Não duvide! Assinante 25660, de Vila Nova de Gaia, outro cheque com *«pouquinho para ajudar no que for mais necessário».* O amor aos Pobres é assim mesmo!

Esclarecemos M. Amélia que o facto assinalado — e que lhe tem custado dores de cabeça — tem sido motivado por enviar as remessas em vale de correio, acusadas pela administração d'O GAIATO para sossego dos Leitores — como trabalho de rotina. Se enviar em cheque não haverá problemas.

Anónima, de Azambuja, uma ajuda para o leite das crianças — referidas oportunamente. Chegou na hora própria! Pagámos ao lavrador o fornecimento de Março. Agora, vamos solver o de Abril.

Finalmente, a assinante 2667 marca presença com oportuna oferta para a estudante — a cargo dos nossos Leitores.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Ó meu senhor, quanto me leva por pôr isto aqui?

Voltei-me e deparei com um rapazito de galochas vermelhas e cabelo curto. Na mão trazia um porta-chaves com a corrente separada. Olhei-o melhor e perguntei porque andava a vender coisas estragadas. A resposta, saída daquele corpo franzino e sujo, foi rápida:

— Achei-o no lago do Dallas. Como tinha botas fui lá dentro buscá-lo e passei ao ataque. Isto não é para vender. Mas vendo canetas. São, só, 100\$00 cada uma. Quer ficar com uma?

— Como posso escolher se tens só duas e, além disso, são muito caras?

— Não são nada. São, só, 100\$00.

— Aonde as foste buscar?

— Foi o meu pai quem m'as deu para eu vender.

— Tens vendido muito?

— Tenho. Ontem, vendi um isqueiro e uma caneta. Fui buscar mais. Mas, quando cá cheguei, já não andava ninguém e fui-me embora.

— Aonde está o teu pai?

— Está a trabalhar.

— Aonde?

— Numa loja do Brasília.

— O que fazes ao dinheiro daquilo que vendes?

— Quando preciso, tiro do que vendo e o resto entrego.

A corrente já estava no lugar. Apercebendo-se, calou-se. Entreguei o

porta-chaves. Olhou-o e puxou a corrente, para certificar se estava como queria, pois ia pagar. Apesar de lhe ter dito que ia ficar muito caro, e talvez ele tivesse de ficar preso na loja até pagar, isso não o assustou. Tinha o dinheirão das vendas que tudo resolvia. Após alguns momentos de silêncio, voltou a perguntar quanto devia. Não respondi. Esperava que se cansasse e fosse embora; mas, pelo contrário, ele queria pagar o trabalho que deu ao próximo. Estava firme à minha beira: Cada vez se aproximava mais do balcão.

Quantos meninos bem vestidos, de sapatos engraxados e corpo limpo, saem pela porta fora sem dizer obrigado! Mas o Sérgio, com os seus 11 anos, sabe dar o valor ao trabalho. Aqueles olhos vivos e sorriso de gaiato foram a minha recompensa: «Obrigado meu senhor». E foi-se.

Passados dias volto a ter notícias do Sérgio. Passa pela loja com uma nota de cinquenta escudos na mão, pedindo que lhe trocasse por duas moedas de vinte cinco escudos. Perguntaram para que queria a nota trocada.

— Foi um senhor que m'a deu. Metade para mim, a outra para o meu irmão.

— Tens irmãos?

— Somos seis.

— Já não vendes canetas?

— Não senhor! O meu pai foi despedido e não temos dinheiro para comprar mais.

O Sérgio estava triste e mais sujo. Já não sorria. O pai perdera o emprego — e ele, também, o dele. Não havia dinheiro em casa!

TENHA O SEU POBRE — Os nossos Amigos não esquecem os Irmãos mais necessitados: 3.000\$00 duma anónima que os entregou no Espelho da Moda. 18.000\$ da assinante 23185. 1.050\$00 da assinante 19177 e suas amigas. Os nossos irmãos mais necessitados agradecem as migalhinhas que nos manda. 5.000\$00 de um anónimo.

Bem haja a todos pela ajuda que nos dão. Obrigado.

José Alves

Paço de Sousa

VINHA — Continuam os arranjos, no campo, destinados à plantação da vinha. Colocaram-se postes para segurar as videiras. Os trabalhos estão muito adiantados. Também o terreno foi estrumado e preparado para a fertilização da vinha.

PECUÁRIA — «Na vacaria nasceram mais toirinhos!» Foi o Ricardito que m'o disse. Há algumas semanas atrás também já tinham nascido outros toirinhos.

PASSEIO — Alguns alunos nocturnos foram em passeio à Serra da Estrela. Um belo passeio! Passámos pela Beira Alta, uma das regiões mais bonitas de Portugal. A seguir, parámos em Viseu para tomar o pequeno-almoço. Seguimos, então, para a Serra da Estrela. Depois, foi Seia, para almoçar; e chegámos à Torre, ponto principal da Serra, por volta das 14 horas. Vimos muitos esquiadores e nós, como não tínhamos esqui,

pegámos num saco cada um e lá fomos para a neve...

Por volta das 16 horas partimos da Serra da Estrela e só parámos em Viseu para merendar. Chegámos a Penafiel às 22 horas.

Queremos agradecer à Direcção da Escola Secundária de Penafiel a oportunidade do passeio — sem encargos materiais. Muito obrigado!

CONVÍVIO — Seis dos nossos rapazes participaram num Convívio, em Valadares, nos dias 11, 12 e 13 de Abril.

Mais uma oportunidade para se encontrarem com Cristo-Jovem! Esperamos que tenham aproveitado este Convívio para espalharem a Fé no mundo.

VISITANTES — Recebemos muitos, nestes últimos fins-de-semana, devido ao bom tempo que se fez sentir. São amigos e familiares. Muitos trouxeram o seu farnel. A nossa Porta está sempre aberta para os que nos quiseram conhecer.

FUTEBOL — Convidamos, mais uma vez, colectividades que estejam interessadas em nos defrontar, para nos contactarem pelo telefone 952285 ou escreverem para o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel. Esclarecemos, também, que não nos façam marcar jogos se não puderem deslocar-se, pois ultimamente já aconteceu termos dois jogos marcados e as equipas faltarem — sem qualquer justificação!

Ludgero Paulo

Lar de Coimbra

Desde há muitos anos que os gaiatos de Miranda do Corvo, inclinados para seguir uma vida de estudo, se instalaram em Coimbra, tendo começado por estudar no Colégio Pedro Nunes, onde foram sempre muito bem acolhidos e receberam carinho e amizade da parte dos professores, que insistiram com Pai Américo deixasse lá estudar os gaiatos.

Agora, os tempos são outros; e, embora os nossos métodos ainda sejam os mesmos, já não se poderá falar da tranquilidade ambiental que se gozava há anos atrás.

Presentemente, estudamos na Cooperativa do Ensino de Coimbra (C. E. C.) desde a sua formação e que deriva precisamente de colégios por nós frequentados anteriormente. Neste momento somos vinte e dois, a maior parte menores de 16 anos. É certo que nos sentimos acolhidos duma maneira muito especial, desde o abrir das portas para a inscrição das matrículas, ao «até prò ano» no fim do último período, sempre com um sorriso animado nos lábios.

Estamos numa fase do ano escolar muito crítica e já se começam a descortinar resultados finais que não são de maneira nenhuma animadores. É certo que nós, os gaiatos, sempre gozámos e continuamos a gozar de



Recordando a nossa Casa do Gaiato de Malanje

ajuda, principalmente a nível moral e social, que nos é transmitida pelos professores, e na nossa correlação com os colegas.

Pois a situação geográfica do nosso estabelecimento de ensino é uma zona em que, por vezes, nos sentimos impotentes para fazer frente a um tipo de vida a que não estamos habituados... É a Praça da República. Reaberta a esplanada forma-se um centro de encontro de muita gente, principalmente jovens que deixaram os seus afazeres de lado e faltam aos compromissos da sua vida de estudantes para ali passarem longas horas na prática do ócio, tornando-se um centro de levandades indignas do ambiente universitário.

São os cafés, mais de meia-dúzia, quase em cima uns dos outros... E, como pano de fundo, para que nada falte para maior destruição psíquica e fisiológica de quem vem de fora para lutar por uma vida que não lhe sorriu há mais tempo, são as casas de jogos e das máquinas, autênticos centros de exploração e degradação moral.

Este o ambiente com que deparamos. Um mundo completamente diferente daquele que estamos habituados. E os jovens, ainda meninos, tendem facilmente a ser arrastados para caminhos errados, seguidos por rapazes e raparigas incapazes de parar um pouco, longe dos barulhos rotineiros e não tentando descobrir a verdadeira razão da sua existência.

Apesar da amizade e boa vontade dos nossos professores o ambiente exterior não nos ajuda!

João Paulo

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — As batatas já se vêm em diferentes tons verdes.

Todos os anos a sementeira é feita com cuidado e grande empenho.

A terra é remexida e, escolhida a grama, adubada. Depois, abrem-se regos e o bocado de batata fica de grelo para cima.

As videiras estão podadas e atadas com novas canas que os «Batatinhas» descascaram. Também foi preciso remexer-lhes a terra e cortar a grama que penetra, em todo o lado, para haver bom fruto.

As videiras estão a ganhar folhas e a típica flor; depois, os apetitosos cachos de uvas virão tentar os nossos dedos...

Os campos, onde semearam erva de pasto, estão a ser ceifados e tratados para outras sementeiras. Neste trabalho anda sempre o grupo da erva com a foice; era ceifam aqui, ora ceifam ali. Todos os dias levam erva para o gado. Agora, apenas para as vacas que nos dão o leite.

— Os da erva para a erva...
É, foice na mão, de vez em quando conversam, riem e brincam:
— Ó pá, ceifa erva...!

IPÁSCOA — Como epílogo das celebrações quaresmais, celebrámos a Páscoa.

Segunda-feira Santa foi o Sacramento da Penitência com a ajuda, sempre disponível, do Padre Peixoto que reside na Lousã e do Padre Jerónimo, agora pároco de Almala-guês.

Na Quinta-feira Santa tivemos a última Ceia de Cristo com os apóstolos, na nossa Capela.

Na Sexta-feira Santa tivemos a Via-Sacra.

Todo o tempo é tempo de mudança. Ressuscitar é tomar caminhos novos e são.

Reflecti e avivaram-se-me os tempos de criança. Aquelas cinco casinhas que limpávamos e arrumávamos como se novas fossem. Eram perto da lagoa. Frondosas e lindas as árvores, com abelhas e besouros, eram um jardim celestial.

Chegava o dia de Ramos e intensificava-se a Quaresma. Nas Missas o sr. Jacinto traduzia a homilia para quimbundo. Os ramos trazidos pelos da senzala aguçavam a minha curiosidade adolescente, obrigando o meu espírito a contemplá-los e a meditar no carinho com que eram feitos. Tudo isto se passava no refeitório-capela cujo altar era sobre um tronco de árvore que, ainda hoje, não sei se foi árvore ali crescida e cortada para fazer o altar, se tronco ali posto com a mesa por cima. A Capela tinha, no máximo, metro e meio de largura, daí o abrir das portas para do refeitório vivermos os ritos.

Os anos passaram e subimos. Construimos a nova Aldeia, lentamente, conforme podíamos... As antigas casas serviram, muito tempo, para mostrar aos visitantes: Uma espécie de museu que tinha obras de arte e alguns animais embalsamados pelo Neca numa das casas e na outra eram os galinheiros cuidados pelo André. Os visitantes, de seguida, iam ouvindo o cicerone — um de nós — que ia explicando a Obra, como sabia, e os conduzia, finalmente, à lagoa onde

No Sábado de Aleluia dirigimo-nos à Igreja da paróquia, onde celebrámos a Ressurreição.

E, no Domingo, foi a Páscoa. Começou o dia à volta do altar, centro da festa — o mais importante.

Houve refeições melhoradas, doces, sobremesa e a sala de jantar enfeitada. Fizemos uma passeadeira de verdadeiras flores para a visita pascal. Este ano, na paróquia, a visita pascal foi partilhada por leigos que se comprometeram, ajudando assim o pároco. A nossa zona e a nossa Casa vieram o Carlos Manuel, antigo gaiato, professor primário, mais o João Aurílio, também ex-gaiato, com a Cruz. Mas o mais curioso foi, à hora da visita, a presença de ex-gaiatos e mais outros que vivem nas redondezas. O beijo a Cristo Crucificado foi mais em família.

Outros antigos gaiatos com os seus filhos passaram a Páscoa connosco, vindos de longe.

Foi Páscoa! Cristo ressuscitou!

OBRAS — Desde a construção da tipografia (que, como sabem, funciona desde o Verão passado) temos obras noutros lugares. Uma antiga casa onde, por último, morou uma família até ter a sua própria casa, foi agora aproveitada para quartos dos rapazes e está quase pronta. Procedemos, ainda, ao alargamento das pequenas ruas.

Guido

os deliciava com contos e narrativas da vida vivida naquele pequeno céu, enquanto remava um pequeno barco.

Na nova Aldeia em crescimento, a Capela era o centro; à sua frente o cruzeiro, de pedra castanha avermelhada, em cima de um penedo tosco e ladeado de rosas, ia marcando na nossa alma o rumo a seguir na vida. A Capela era tão acolhedora! Tanta vez dei comigo a admirar-lhe o frontal de pedra, os vitrais coloridos, as traves que seguravam o tecto e aqueles sacrário e altar trabalhadinhos com esmero!

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª pág.

vezes, solução para as suas próprias sentenças.

Que margem de justiça? E o caminho para ela?

«Se eles ficam aqui nunca darão nada» — disse um dos nossos rapazes, que acompanharam na visita.

Não há vestido novo! Vamos por caridade-amor pôr o remendo?

Quando nos despedimos, o menino de 11 anos lavava as tigelas de sopa numa água suja e o sol batia em cheio nas bouças despidas.

■ Porque não há vestido novo?

Os casos são tão complexos como o próprio homem... Difícil determinar com nitidez as linhas da justiça e das obrigações...

Para um drogado que deixou a casa paterna; para um alcoólico que abandonou os filhos e foi com outra mulher; para o que matou; e para o que rouba. Poucos dão trabalho a um marginal. Poucos o acolhem.

A fuga dos deveres corresponde, quase sempre e na prática, a perda dos direitos.

Então, e aqui, aparece, límpida como regato de montanha, a Verdade do Senhor:

«Tive fome e deste-Me de comer. Tive sede e deste-Me de beber. Fiquei nu e vestiste-Me. Fui preso e foste-Me visitar.» «Senhor nunca Te vi!» «Foi a Mim que trataste e acolheste todas as vezes que o fizeste a todos os outros.»

Que os cristãos de hoje digam aqui o seu «presente». É este o lugar e a hora. Onde a justiça não cabe, a nossa caridade e amor.

Urgente esta presença porque profundas na nossa sociedade as falhas da justiça. Tanto mais quanto ela dimana, sim-

Eram autênticas obras de arte do sr. José e do sr. Joaquim, auxiliados por trabalhadores das senzalas que, mais tarde, conheci mestres perfeitos quando construam, e bem, as últimas casas da Aldeia. Nos dias mais solenes a Capela enchia e abríamos a porta lateral. Daí contemplava as maravilhas ajardinadas e sem folhas secas no chão — que tinham sido

labuta dos «Batatinhas» orientados pelo Fernando Dias.

Tanta gente, e tantas vezes, viveu profundamente, ali, os ritos e os mistérios que nos conduziam ao sagrado. Sagrado que tanta confusão causa aos sábios — ali oferecido aos simples.

«Era um sentimento tão em nós que apenas O respeitávamos, O amávamos. Sim, amávamos o Sagrado-Deus porque O sentíamos. Os poetas são incapazes de dizer, bem, sentimentos que os perpassam, utilizam lindas metáforas mas ficam sempre aquém, deixam um horizonte aberto, já dito e por dizer. Ali eu não sabia dizer o amor, mas sabia o que era. Sentia-o.»

Quim de Malanje (na Madeira)

Eles é que sabem...

Cont. da 1.ª pág.

transformação tão grande! Eles é que sabem... Eles é que sabem... Ora levando-os pelas mãos... ora andando com eles ao colo... ora dando-lhes a cama a horas... ora brincando com eles...

É verdade, voltando ao casal, não lhes passou despercebido aquele pormenor que acabei de contar junto do nosso hospital.

Senhor, que nos destes os olhos para ver e os ouvidos para ouvir, que nunca nos passe despercebida a Tua presença em cada canto da nossa vida!

Padre Telmo

Padre Manuel António

Retalhos de vida

«CORNETO»



Chamo-me Carlos Jorge, mas tratam-me por «Corneto». Estou a fazer o 1.º ano do Ciclo Preparatório TV. Estou muito atrasado...!

Tenho 12 anos e vim de Angola.

Quando nasci, a minha mãe estava a morrer e o meu pai fugiu, abandonou-nos. A noite, uma Irmã que se chama Irmã Maria do Carmo, foi-me lá buscar e fiquei no colégio até aos 11 anos.

Estive, ainda, no Brasil, onde fiquei uns tempos. Depois, vim para Lisboa e para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Carlos Jorge

Barredo

Um dos aspectos que documenta a dimensão humana do Processo de Renovação da Ribeira-Barredo e que muito nos apraz, é a participação nele do próprio povo residente.

A descoberta e revelação feitas por Pai Américo das condições infra-humanas de vida naquela «terra de mártires» motivou muitos à reflexão e a decisões de grande valia. Foi na sequência destas que, na década de sessenta, a Sociedade de S. Vicente de Paulo instalou ali o Centro Social cujo objectivo, acima das ajudas pontuais possíveis no imediato, era a promoção social e educacional daquelas gentes.

Um grupo de jovens organizado a partir do Centro fez o

levantamento sócio-económico e habitacional de uma parte da zona ribeirinha no qual se fundou o primeiro Projecto de Renovação da autoria do Arquitecto Fernando Távora; e levou a população a reflectir sobre ele, ajudando-a assim a tomar consciência da sua própria situação.

Esta tomada de consciência é uma força indispensável que muito iria contribuir para o arranque da operação e teve parte activa no processo até agora realizado e que julgo da máxima importância não se deixar perder quer no Barredo, até à conclusão do Projecto, quer nos **barredos** onde ainda nada se fez. Por muitas outras forças que haja de pôr-se em jogo, esta é sempre condição do êxito. Acção primariamente dirigida a esta população, tem de ser assumida por ela e executada com o seu empenhamento. «Obra para eles — logo; deles, por eles.» Esta fórmula constante no pensamento de Pai Américo também aqui tem pleno cabimento.

A primeira acção popular foi na Fonte Taurina. Aqui, como já dissemos, o problema atingia níveis de ruptura, com a transformação de armazéns em «colmeias» de habitação, com o aproveitamento de todos os espaços livres por impensável que fosse a capacidade deles para utilização como morada de pessoas. Por outro lado, era esta sub-zona aquela onde abundavam os menos enraizados nela.

Assim, em fins de Abril de

1974, os habitantes organizam-se em Comissão **ad hoc**, reivindicando o acesso às casas devolutas em bairros municipais e abrindo luta contra os **sub-alugos** com a exigência da redução das rendas dos quartos a um máximo de 240\$00 mensais.

Em resultado desta acção saem da Fonte Taurina 180 famílias totalizando cerca de 720 pessoas que se dividem por bairros camarários; e a Comissão, conseguido o seu objectivo, extingue-se, sem ter contagiado os moradores do Barredo que, no entanto, lhe foram solidários neste acto reivindicativo.

Em Setembro de 1975, após a criação do CRUAR, a população da Fonte Taurina volta a organizar-se em Comissão de Moradores composta por pessoas ligadas às classes profissionais de produção e serviços e colaborou com o Comissariado no levantamento populacional da área, na discussão das soluções relativas às casas a renovar e no concertar com a população problemas surgidos no decorrer do processo, tais como permutas de casas, atribuição de casas volantes, realojamentos, etc.

Esta sub-zona, uma vez aliviada da sobre-ocupação, com grande parte do Projecto executado menos no que toca ao Muro dos Bacalhóes (aliás, a parte menos degradada) e restituída às famílias com maior enraizamento, foi a menos conflituosa durante a operação. E talvez porque encontrou os mais prementes problemas resolvidos, a sua Associação de

de elevadas verbas. Não, que nem todos os meios estão em proporção com os fins.

Ao revelar, caríssimos Leitores, o que atrás fica expresso, mais não queremos que possais conhecer melhor a Obra

da Rua e o seu Fundador, as suas características e o seu espírito. Deste modo, os laços que nos unem, tornar-se-ão mais estreitos porque assentes na intimidade de vida e de processos que pautam a sua acção.

Moradores (em que, entretanto, se transformou a Comissão de 1975) parece desmobilizada a respeito da continuidade das obras; e é pena, porquanto muito dela dependeria (dependará!) a conclusão do Projecto no que se refere à sua própria área, como é importante a sua experiência e a sua solidariedade activa para o alastramento da Renovação às restantes

áreas entregues ao cuidado do CRUAR.

Veremos como foi até agora o relacionamento deste Comissariado com a outra sub-zona da Ribeira e a nova Comissão, a do Bairro do Aleixo, criada na sequência da deslocação para lá de trezentas famílias do Barredo.

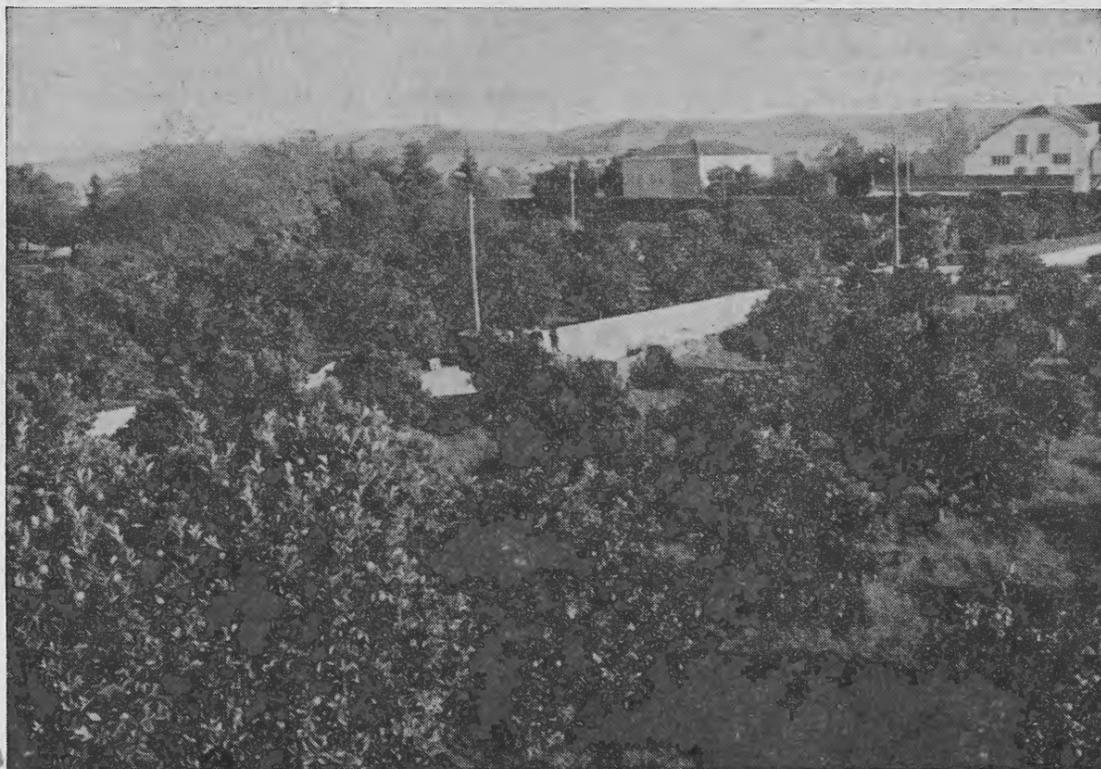
Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

dizendo, por exemplo: «Que linda mentira! Pintas de lama em superfícies de cristal!» O mesmo se diga dos «chás de caridade», a propósito dos quais dizia só conhecer o chá preto e o chá verde, de que era, diga-se de passagem, grande apreciador.

Há pouco tempo, alguém nos telefonou por causa dum grande «baile de gala», cujo produto seria destinado a esta Casa. Dissemos logo não e procurámos explicar a sua razão, repelindo a anuência a tal iniciativa. Insistiram com a promessa



«Outra ideia fundamental do pensamento educativo de Pai Américo: nas Aldeias da Obra da Rua, o contacto do Rapaz com a Natureza é alimento da vida natural e sobrenatural.» Aqui temos uma panorâmica da Casa do Gaiato de Lisboa.

TRIBUNA DE COIMBRA

Os últimos dias em que recordámos e celebrámos a Paixão de Jesus Cristo, D. Julieta de Carvalho já os foi celebrar na Casa do Pai. Uma vida de estudo e totalmente comprometida ao ensino, à educação e à dilatação do Reino de Deus. Nos últimos quatro anos o Senhor associou-a à Sua Paixão e manteve-a parálitica, no leito. Na véspera acompanhou a oração do Terço pela rádio e recebeu o Senhor, como costumava.

Manhãzinha adormeceu e partiu, silenciosamente, para o Lugar onde não há dor, Lugar que sempre desejou: a Casa do Pai do Céu.

Sempre lutou pelo bem. Combateu o bom combate.

Em 1941, ao abrir um novo colégio e ao conhecer o Pai Américo, falou aos dois sócios e ofereceram as portas abertas aos gaiatos, portas que nunca se fecharam e há anos transferidas para a Cooperativa de Ensino de Coimbra. Para D. Julieta os gaiatos eram a grande força da sua maternidade. Exigente, com um coração grande. Boa professora, mas

querendo mais ser educadora. Procurou fazer da sua vida uma vida sacerdotal.

A farda de «servita de N.ª S.ª de Fátima» — que sempre gostou de vestir e que foi a vestir o seu corpo para a sepultura — é também prova do seu grande amor à Mãe do Céu: **servita de Nossa Senhora**.

A presença, no funeral, de alguns dos nossos Rapazes mais velhos e seus alunos-filhos — vindos de Viana do Castelo, Porto, Miranda do Corvo e Coimbra — são testemunho de muitas dezenas deles espalhados pelo mundo que tiveram em D. Julieta um coração que os amou e uma vida que os serviu.

Que todos se voltem a reunir com ela na Casa do Pai.

O Senhor Jesus, no dia da Sua Ressurreição, levou a D. Maria da Graça. Foi uma passagem sem se dar conta. Tudo em Paz. A Paz de Deus que D. Maria da Graça procurou viver e espalhar em toda a sua vida.

Desde sempre foi uma do grupo das senhoras que vêm, uma vez em cada semana, tratar da nossa roupa. Era, de há muito, «um grande gosto vir ao gaiato». No seu saco vinham sempre coisinhas boas para os mais pequeninos e na carteira «a minha contribuição» para deixar na minha mão. A sua mão esquerda nunca deu conta do bem que a direita fazia.

Professora primária toda a sua vida, deixou em cada aluno a marca da bondade. «Era uma santa» — dizem os seus alunos.

Soube-nos bem, neste dia, o hino da oração da Igreja:

«Não há ressurreição sem haver [morte],
Nem triunfo se não houver [batalha].
Saibamos nós morrer em cada [dia].
E ser o homem novo!»

Que o Senhor mande outras santas substituir esta que levou do meio de nós.

Padre Luiz

Padre Horácio

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel